

O MAOÍSMO NA ESQUERDA BRASILEIRA: A TRAJETÓRIA DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL - ALA VERMELHA

CRISTIANE SOARES DE SANTANA¹

O Partido Comunista do Brasil surgiu a partir de uma cisão do Partido Comunista Brasileiro, ocorrida em 1962. Com o golpe de 1964, o PC do B passou a refletir sobre as práticas empreendidas até então e as novas táticas a serem utilizadas perante esse novo contexto social e político imposto pelos militares brasileiros. A consequência dessa reflexão ficaria explícita através da publicação do documento *O golpe de 1964 e seus ensinamentos (1964)*, no qual estaria clara a decisão do PC do B pela adoção da luta armada. No entanto, o PC do B esbarrou num empecilho, com o qual conviveria durante toda a década de 60, que se refere à coexistência no seio do Partido de duas propostas: uma que preconizava a idéia da ação ligada às massas e a outra que acreditava numa política de enfrentamento com a ditadura. (SALES, 2000)

Acredita-se que esses impasses podem ter sido o ponto de partida para o desencadeamento de duas cisões ocorridas em 1966, no seio do Partido Comunista do Brasil, as quais constituíram o Partido Comunista Revolucionário (PCR) no Nordeste e o Partido Comunista do Brasil- Ala Vermelha (PC DO B- AV)² no Centro – Sudeste, a qual se constitui em objeto de estudo deste artigo.

A relação da China com o PC do B já se desenvolvia antes do golpe, pois em 24 de março de 1964, foi enviada a primeira turma de militantes para realizarem um curso de capacitação política e militar na China, dentre estes podemos citar Diniz Cabral Filho e Osvaldo Orlando da Costa.³ No ano de 1965 foi enviado com a mesma finalidade outro grupo, do qual faziam parte Elio Cabral de Souza e Tarzan de Castro. Por último em 1966, em plena Revolução Cultural, foi enviada outra delegação de quadros dentre os quais estavam Derly de Carvalho e Edgard de Souza Miranda.

¹ Mestre em História Social do Brasil pela Universidade Federal da Bahia.

² Usaremos no decorrer do texto as designações PC do B – AV e Ala Vermelha para nos referirmos à organização estudada.

³ GORENDER, J. **Combate nas trevas**. São Paulo; Editora Ática, 2003, p.117

Dessas três delegações que retornaram do treinamento na China, alguns militantes, que posteriormente formariam a Ala Vermelha, apresentaram uma série de questões referentes a própria estrutura organizativa do PC do B.

Nas academias chinesas todos haviam apreendido sobre a necessidade da presença de condições objetivas e subjetivas para a deflagração da luta armada, sem as quais se tornava inviável qualquer expectativa de ações revolucionárias para a tomada do poder. Estudaram também a importância de um partido comunista forte e democrático respaldado pela classe operária, pelos camponeses e pela população geral. Era uma questão essencial para a condução da guerra popular prolongada, a qual deveria ser travada a partir de áreas densamente povoadas, que apresentassem um vigoroso enraizamento partidário entre os camponeses, o qual se refletiria em um considerável grau de politização – o que exigia um elevado nível ideológico dos próprios quadros partidários.⁴

Tais aspectos observados promoveram um choque entre o que eles aprenderam na China e os posicionamentos do Partido, originando um processo de luta interna no seio do PC do B. Os integrantes da luta interna lançaram as vésperas da VI Conferência do Partido Comunista do Brasil as suas concepções através da publicação de um documento intitulado *Por um grande debate revolucionário em nosso Partido (1966)*. Este documento apontava as concepções críticas dos integrantes da luta interna em relação às práticas do PC do B.

Manifestava pela preocupação quase exclusivamente na preparação militar e que a organização do partido era subestimada e que havia ênfase para compreender que sem um partido organizado, um forte partido revolucionário, um partido ligado as massas, é muito difícil, quase impossível, preparar conscientemente, sem aventureirismo, a luta armada em nosso país. Também se materializava pela tendência de não tolerar o trabalho detalhado entre as massas, querer fazer grandes coisas e achar que estas grandes coisas somente são as tarefas militares e não levar em conta as condições objetivas e subjetivas.⁵(sic)

Ressaltando a necessidade de reconstrução de um partido novo, o grupo que guiou a luta interna criticava o posicionamento do PC do B, afirmando que este realizava trabalhos excessivamente voltados para a preparação militar, havendo a subestimação do trabalho junto às massas. Essas críticas tecidas pelos integrantes da luta interna não se referiam somente a debilidade política e ideológica de um grande

⁴SILVA, T. A. D. **Ala Vermelha: revolução, autocrítica e repressão judicial no Estado de São Paulo (1967-1974)**. 2006.293 f. Tese (Doutorado em História)- IFLH, Universidade de São Paulo, p.162.

⁵ PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL - ALA VERMELHA. *Por um grande debate revolucionário em nosso Partido*, 1966, p.05

número de quadros do PC do B, mas também ao próprio comportamento dos dirigentes em relação aos quadros e organismos de diferentes níveis. Isto está diretamente ligado ao sigilo com o qual questões eram tratadas no seio do Partido, como por exemplo, a escolha e o conhecimento da região do Araguaia como área prioritária para o desenvolvimento da guerrilha que ficou restrita a poucos membros da cúpula do Partido. Notamos que as questões políticas e ideológicas podem ter se tornado elementos impulsionadores do rompimento desses militantes com o PC do B. De modo que, nossa investigação visa avaliar quais aspectos poderiam ter motivado esse grupo de militantes a romper com o Partido Comunista do Brasil.

Em junho de 1966, o PC do B realizou a sua VI Conferência da qual resultou o documento *União dos brasileiros para livrar o país da crise, da ditadura e da ameaça neocolonialista*, através do qual o PC do B tentou de certa forma responder a alguns questionamentos impostos pelo grupo que regia a luta interna.

Mesmo com essa preocupação aparente do PC do B em responder aos questionamentos dos militantes que lideravam a luta interna, acabou ocorrendo uma ruptura entre esses dois grupos. Porém, os representantes da luta interna iriam tentar realizar durante algum tempo um trabalho de transformação em seu próprio seio propondo uma reconstrução partidária, a partir do prisma da Revolução Cultural Chinesa. Após um período de embates com a cúpula, que os havia expulsado do Partido, estes militantes resolveram acatar essa expulsão e passaram a trilhar seu próprio caminho através da formação do Partido Comunista do Brasil - Ala Vermelha. (SILVA, 2006)

Os militantes do PC do B que formariam a Ala Vermelha eram em sua maioria antigos participantes das Ligas Camponesas, do MRT e ex-adeptos do foquismo, os quais haviam feito autocrítica em relação às concepções foquistas após os estágios realizados na China. A Ala atuou nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia e Ceará. (SILVA, 2006)

A partir da análise da documentação pesquisada podemos perceber que a Ala Vermelha nasceu sendo influenciada pela proposta maoísta de revolução. Esse projeto de pesquisa também tem como um dos seus enfoques discutir a forma como a Ala Vermelha interpretou o pensamento de Mao Tsé Tung para transformá-lo em guia para suas estratégias de luta contra a ditadura militar.

A Ala Vermelha tinha como base essencial do seu projeto o desencadeamento de uma Revolução Cultural. No documento *A luta contra o oportunismo: a origem da luta interna* a organização afirmava que: “a sua resolução (dos problemas do partido) só pode se dar através de uma luta interna ativa, que vá de baixo para cima, atingindo todos os escalões do partido, sob a forma de *revolução cultural*”⁶ (grifo nosso). Esta referência feita pela Ala a Revolução Cultural pode estar ligada à experiência que os militantes que formariam a Ala sofreram durante seu período de treinamento na China.

A partir do ano de 1967 foi possível encontrar a presença cada vez maior de aspectos do maoísmo e sua teoria nos documentos do PC do B (AV). Como exemplo disso, a publicação do Jornal Guerra Popular a partir de outubro de 1967, a criação de um grupo de estudos criado pelos militantes voltado para a instrução de quadros com base na teoria maoísta, que recebeu o nome de “*Grupo de Estudos das Obras do Presidente Mao Tze- Tung*” e a publicação de vários textos de Mao a partir de 1968.⁷

Em dezembro de 1967, a Ala Vermelha produziu seu documento programático intitulado *Crítica ao oportunismo e subjetivismo do documento “ União dos Brasileiros para livrar o país da crise, da ditadura e da ameaça neocolonialista”*, no qual promoveu críticas aos posicionamentos do PC do B e apresentou suas próprias táticas para o desencadeamento da revolução brasileira.

Nesse documento percebemos que tanto o maoísmo quanto o foquismo influenciavam a organização. A Ala Vermelha definiu a guerra popular como uma forma que a luta armada assume quando se desenvolve paulatinamente até envolver a participação de todo o povo. Para a AV, a guerra popular poderia se desenvolver de três formas: no auge do movimento de massas, como resultado de um levante armado camponês, através de uma cisão do exército inimigo e por meio da formação de um foco revolucionário.⁸ Através dessa afirmação começamos a perceber a mescla de influências maoístas e foquistas na estruturação do pensamento da Ala, através da

⁶PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL - ALA VERMELHA: **A luta contra o oportunismo: as origens da luta interna**, 1967, p 15.

⁷ Em nossa pesquisa encontramos os seguintes textos de Mao Tsé Tung publicados pela Ala Vermelha: Sobre o tratamento correto das contradições no seio do povo; De onde vem as idéias justas?; A orientação do movimento juvenil; Declaração do Camarada Mao Tsé-Tung ao Comitê Central do Partido Comunista da China em apoio a luta dos afro-americanos contra a repressão pela violência etc.

⁸ PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL - ALA VERMELHA: **Crítica ao oportunismo e subjetivismo do documento “União dos brasileiros para livrar o país da crise, da ditadura e da ameaça colonialista”**, 1967.

própria definição de guerra popular, da qual o foco seria uma forma de desencadeamento.

Influenciada também pelo foquismo, a Ala deu continuidade as ações armadas a partir de 1967. No entanto, após a edição do AI-5, em 1969, uma série de prisões fez com que a Direção Nacional resolvesse organizar uma reunião para discutir a suspensão das ações armadas para expropriação promovidas pela organização até então e para avaliar a necessidade de uma transformação da linha política da Ala Vermelha.

A Ala deu início à crítica ao foquismo, a qual seria aprofundada no documento *Os 16 pontos: Resolução da reunião extraordinária da D.N.P EM 1/11/69*. De acordo com ele,

Ao invés de nos preocuparmos em modificar nossa fisionomia política, ligando-nos as massas, combatendo a burocracia, formando quadros políticos ideologicamente capacitados, profundamente enraizados na massa, capazes de enfrentar as vastas e complexas tarefas que a revolução brasileira nos impõe, simplificamos tudo, adotando uma posição que se revelou objetivamente oportunista, pois fora das possibilidades de realização prática, que se desligava ainda mais das massas básicas, dos problemas por elas enfrentado. Damos uma solução altamente simplista: “os melhores quadros do Partido iriam para o foco”. Que partido? Que quadros? Quadros de origem pequeno-burguesa, parcos de conhecimento científico, formados em sua maioria fora do trabalho político entre as massas. (PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL – ALA VERMELHA, OS 16 PONTOS: RESOLUÇÃO DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA D.N.P EM 1/11/69, 1969,P.02)

Os 16 pontos: Resolução da reunião extraordinária da D.N.P EM 1/11/69 pode ser interpretado como uma referência ao documento *A Resolução do Comitê Central do Partido Comunista Chinês sobre a Revolução Cultural Proletária*, conhecido como *Resolução dos 16 pontos*, o qual regeu a Revolução Cultural Chinesa. Afinal, nestes dezesseis pontos eram elencados os aspectos de uma nova etapa da história da organização mostrando as ações que deveriam ser corrigidas e os caminhos a serem percorridos para o desencadeamento da revolução brasileira. Estes dezesseis pontos se equiparam ao documento *A Resolução dos 16 pontos*, pois este também tracejava os caminhos que a revolução política deveria seguir na China.

A importância da ligação do Partido com as massas passaria a ser algo debatido no decorrer dos dezesseis pontos enumerados pela Ala Vermelha, assim como a necessidade de se realizar um trabalho junto ao proletariado urbano para o estabelecimento de sólidas bases estratégicas como apoio ao trabalho no campo.

Mesmo criticando o foquismo, a Ala Vermelha continuou a praticar ações armadas urbanas, as quais de acordo com a organização seriam feitas somente para arrecadar fundos. A consequência dessas ações expropriatórias foi uma sucessão de quedas que se abateram sob a Direção Nacional entre 1970 e 1971 promovendo uma profunda transformação política e ideológica na Ala, a qual passou a orientar sua militância para a realização da integração nas fábricas e nos bairros proletários.

A influência maoísta na prática da integração pode ser observada através da relação entre o processo de integração e a idéia de ligação com as massas, promovida pelos militantes do Partido Comunista Chinês durante os anos de guerra civil em prol do processo de libertação nacional chinesa, os quais se inseriam junto às massas para educar, organizar e mobilizar os camponeses na luta contra o *Kuomintang* e também durante os anos da Revolução Cultural quando a ida às massas passou a ser praticada como uma forma dos militantes oriundos da pequena burguesia e até os próprios membros do Partido Comunista Chinês reformarem seu pensamento através do trabalho produtivo (AUDREY, 1976).

Através da nossa pesquisa na documentação da Ala Vermelha, localizada no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Fundo Daniel Aarão Reis), encontramos documentos que apresentam aspectos da integração nas fábricas e a vivência de militantes da Ala Vermelha em fábricas, bairros proletários, favelas e vilas operárias a partir de 1971.

De acordo com o documento *Autocrítica(1967-19783)* (1974), o campo deixaria de ser o palco principal da luta para se eliminar a transposição mecânica da estratégia maoísta para o Brasil. Com as cidades como palco para o desenvolvimento da revolução brasileira, a Ala propôs como tarefa a ligação dos militantes com as massas operárias nas fábricas, em bairros proletários, vilas operárias e favelas. Estes últimos podem ser definidos como ambientes que funcionavam como locais de apoio ao trabalho nas fábricas.

Os militantes da Ala Vermelha se vincularam às massas operárias passando a viver, comer e trabalhar como eles com o objetivo de se aproximarem da sua realidade para transformá-la através de um trabalho de conscientização por meio de uma educação

política, os militantes iriam tentar ampliar as bases da Ala Vermelha junto ao operariado mobilizando-os na luta contra a ditadura militar.⁹

Mesmo com tais adaptações podemos perceber a influência maoísta nesta prática através da semelhança entre o processo de integração junto aos operários e a idéia de ligação com as massas promovida pelos militantes do Partido Comunista Chinês que realizavam este trabalho visando sua educação, organização e mobilização na luta contra o Kuomintang durante o processo de libertação nacional da China.

Com base na leitura do documento *Circular de dezembro de 1976* pudemos encontrar indicações de que a diretiva da integração continuava sendo colocada em prática pela Ala, de maneira que ela estava listada como uma das tarefas a serem desenvolvidas pelo Partido no ano de 1977. Além disso, neste mesmo documento nota-se que as concepções estratégicas do maoísmo continuavam sendo reafirmadas no discurso da Ala Vermelha em meados dos anos 70.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FUNDO DANIEL AARÃO REIS)

ALA VERMELHA. Por um grande debate revolucionário em nosso Partido, 1966

_____. Desencadear uma revolução cultural dentro do partido, set. 1967.

_____. Crítica ao oportunismo e subjetivismo do documento “ União dos brasileiros para livrar o país da crise, da ditadura e da ameaça colonialista” – Dezembro de 1967

_____. Os 16 pontos: Resolução da reunião extraordinária da D.N.P EM 1/11/69 – Informe Político, 1969

_____. Boletim Interno, nº09, dezembro de 1971.

_____. Circular de dezembro de 1976, 1976

_____. Nossa política, nossas tarefas. 1977

_____. Experiência de um companheiro no trabalho de massas em bairros, vilas e favelas.s/data.

_____. Algumas opiniões para um programa de atuação nas favelas e vilas operárias. s/data.

_____. Guerra Popular, nº 1, Ano I, 25 de outubro de 1967.

⁹ PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL - ALA VERMELHA: Boletim Interno, nº 09, 1971.

BETTLHEIM, C. **Revolução Cultural e organização do trabalho industrial na China**. Tradução de Rita Lima. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Título original: Révolution culturelle et organization industrielle em Chine.

_____; CHARRIESE, J. ; MARCHISIO, H. **A construção do socialismo na China**. Porto: Editora Portuguesa, 1971.

FERREIRA, M. de M. História, tempo presente e história oral. IN: Revista Topoi, Rio de Janeiro, dez. 2002, p. 314-332. Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/topoi5a13.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2008.

GORENDER, J. Combate nas trevas. São Paulo: Editora Ática, 2003.

REIS FILHO, D. A. (Org.). História do marxismo do Brasil I. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

_____. SÁ, J. F. de. Imagens da revolução: documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961-1971. São Paulo: Expressão Popular, 2006

REMOND, R. (Org.) Por uma história política. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

RIDENTI, M. O fantasma da revolução brasileira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993

SALES, J.R. Partido Comunista do Brasil – PC do B: propostas teóricas e prática política (1962-1976). 2000. Dissertação (Mestrado em História) - IFCH, Universidade Estadual de Campinas.

SILVA, T. A. D. Ala Vermelha: revolução, autocrítica e repressão judicial no Estado de São Paulo (1967-1974). 2006. 293 f. Tese (Doutorado em História), IFLH, Universidade de São Paulo, São Paulo

TAPAJÓS, R. Em câmera lenta. São Paulo: Editora Alfa-ômega, 1979, 2ª edição.

TSÉ TUNG, M.. Mao Tsé-Tung: obras escolhidas. Traduzido por Renato Guimarães. Rio de Janeiro: Vitória, 1961. v.I.